



Estados Unidos e China tentam apaziguar divergências

Autoridades dos dois países participam de encontro em Washington para discutir estratégias econômicas

Representantes do governo dos Estados Unidos e da China estão discutindo em Washington estratégias econômicas e comerciais dos dois países, em evento que começou ontem e termina hoje. O encontro é uma oportunidade para as duas maiores economias do mundo lidarem com suas diferenças.

A exigência de Washington por uma reforma cambial em Pequim deve ser combatida com expressões de preocupação da China, maior credor dos EUA, sobre o elevado nível da dívida americana.

O Diálogo Estratégico e Econômico deste ano, reuniões que cobrem questões econômicas e diplomáticas, acontece quase uma semana antes de os EUA atingirem o limite legal de dívida pública, em 16 de maio.

Antes das conversas, autoridades chinesas deixaram claro que estão acompanhando as negociações entre o governo de Barack Obama e os republicanos para conter o projetado déficit orçamentário de US\$ 1,4 trilhão. “Nós esperamos que os

EUA, na limpeza fiscal, sejam capazes de adotar medidas eficazes, baseadas na proposta do presidente Obama”, disse o vice-ministro das Finanças chinês, Zhu Guangyao, na sexta-feira.

As autoridades dos EUA, por sua vez, têm uma série de demandas, como o aumento do acesso de empresas americanas na China e a implementação mais rápida de reformas no mercado financeiro, além de um regime cambial mais flexível e juros mais altos na China.

O secretário de Tesouro dos EUA, Timothy Geithner, reuniu-se com o vice-premiê da China, Wang Qishan, durante um jantar no domingo, antes dos encontros formais.

O lado estratégico do diálogo será liderado pela secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, e pelo chinês Dai Bingguo, assessor de política externa para os principais líderes do país.

Os EUA disseram que pretendem pressionar a China sobre questões de direitos huma-

Chineses deixam claro que estão acompanhando negociações entre o governo Barack Obama e os republicanos para conter déficit dos EUA

nos, assunto sensível por causa da preocupação de Pequim com o impacto das insurgências em nações árabes.

A política cambial é um tópico perene. Os EUA alegam que o yuan chinês está subvalorizado e que deve ser permitida uma apreciação mais rápida da moeda para possibilitar um equilíbrio comercial maior entre as duas maiores economias do mundo. “Nós vamos encorajar a China a agir mais rápido para elevar o teto dos juros em depósitos bancários com o fim de colocar mais dinheiro no bolso dos consumidores chineses”, disse o coordenador do Tesouro norte-americano para a China, David Loevinger, na semana passada

Crescimento econômico

A perspectiva de crescimento para as principais nações envolvidas está divergindo, com a atividade econômica melhorando na América do Norte, na China e na Rússia, e moderando na maioria dos países europeus, segundo o indicador da Organi-

zação para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) divulgado ontem.

O indicador para Estados-membros da OCDE subiu de 103 em fevereiro para 103,2 em março, acima da média de longo prazo de 100,0. O indicador mostra uma “força recuperada na atividade econômica” da China e do Canadá, enquanto Estados Unidos, Alemanha e Rússia também passam por uma expansão acima da média, disse a OCDE.

O índice para os países do G7 (grupo de países mais industrializados do mundo), com exceção do Japão, subiu de 103,4 para 103,6. Para a zona do euro, o indicador caiu de 103,2 para 103,1. O ritmo de expansão será “estável, mas lento” na França e na Grã-Bretanha, enquanto Itália, Brasil e Índia rumam para “desacelerações na atividade econômica em relação à média”, disse a OCDE.

Não há estimativas para o Japão por causa das circunstâncias excepcionais que o país enfrenta após o terremoto e o tsunami de março. ■ Reuters